

# Energia limpa vai abastecer Martim Longo

Plataforma solar de Alcoutim pretende abastecer vila de Martim Longo com energia 100 por cento ecológica e replicar modelo no Alentejo

TEXTO E FOTOS Sara Alves

Na plataforma de demonstração de energia solar de Alcoutim o objetivo é claro: criar energia mais verde, económica e acessível através da associação de vários projetos num único local.

O «barlavento» visitou um dos primeiros parques de grande dimensão, onde a vertente comercial e de demonstração se fundem e cujo sucesso e eficácia devem ser replicados, num prazo de cinco anos, no Alentejo, para abastecer os mercados no norte da Europa com energia verde.

O facto de Alcoutim e Martim Longo serem zonas com bons recursos solares, onde o terreno é de baixo valor, por serem terras «marginais», foram as razões que levaram Marc Rechter, da Enercoutim, a escolher esta área de 43 hectares para a instalação da plataforma de demonstração solar.

A plataforma, cujos estudos de viabilidade e projetos técnicos foram financiados em 70 por cento pelo PO Algarve 21 (QREN), representando um investimento total de 18 milhões de euros, é considerada um dos melhores exemplos da aplicação de fundos europeus na região.

Dos 43 hectares, 18 já estão ocupados com cerca de 430 painéis solares, correspondendo a uma potência pico instalada de 4MWp, e pertencem a quatro investidores privados. No total, a energia produzida seria suficiente para abastecer mil habitações. Marc Rechter, um dos responsáveis pela Enercoutim, associação empresarial constituída para a montagem e exploração da plataforma, explicou, em entrevista ao «barlavento», que esta estrutura em Martim Longo

destina-se a ser «uma plataforma de desenvolvimento e investigação de tecnologias de energia solar, que procura fomentar o desenvolvimento económico-social rural, através da otimização dos recursos locais, apoiando projetos multidisciplinares e de base tecnológica nos sectores das energias limpas e da sustentabilidade».

A plataforma consiste em toda uma área de infraestruturas, vedada, com ligação à rede e posto de seccionamento, que permite aos clientes a instalação de projetos de painéis solares, permitindo-lhes beneficiar da eficiência de custo operacional que a plataforma propõe, uma vez que a partilha de custos diminui o preço de investimento. Desde o início, este projeto atraiu muitos investimentos e uma nova agitação ao concelho de Martim Longo.

O plano inicial, que deu origem à Enercoutim, data de 2009 e tinha um conceito muito mais vasto: era o Algarve Energy Park, que deveria ter sido instalado junto ao Autódromo do Algarve. Mas, como revelou Marc, «com a crise, esse projeto deixou de ser viável por causa das dificuldades financeiras. Então decidimos avançar com uma das cinco componentes iniciais do projeto: a atividade de demonstração de tecnologias solares. No Algarve, a radiação solar é muito boa, porque o sul ainda precisa de ter indústrias adicionais para equilibrar a sazonalidade criada pelo turismo e como tem boas infraestruturas, tem a vantagem de conseguir atrair especialistas na área. Foram estes os motivos que nos levaram a escolher investir no Algarve».

Um dos objetivos para os próximos 15 a 20 anos é



a aposta na exportação de energia, «uma vez que o Algarve e o Alentejo são das melhores zonas da Europa, com a mais elevada radiação solar disponível. Dado que o norte da Europa precisa de muito mais energia verde do que a que consegue produzir, a grande oportunidade será exportar esta energia» para aquela zona do globo, justificou.

Mas, para isso, é necessário que a legislação europeia já esteja terminada, permitindo que se produza «energia que seja competitiva em termos de preços». É com base neste pressuposto que Marc planeia mais um grande investimento. «A partir desta plataforma de Alcoutim queremos apostar no Alentejo, replicando este modelo numa escala muito maior para desenvolver e implementar um enorme parque solar para exportar energia para o norte da Europa. Isto é algo que queremos montar em cinco anos e ser reconhecidos enquanto produtores

de energia limpa low-cost», conclui Marc. Além deste objetivo, existe um outro projeto a colocar em prática. «Estamos a trabalhar num projeto de 'micro rede', isto é, uma infraestrutura local de energias renováveis que providencia eletricidade, aquecimento e arrefecimento a um certo número de edifícios, como à vila de Martim Longo. Podemos montar um sistema de biomassa, solar e eólico no qual temos estas três vertentes integradas para abastecer a vila com um sistema sustentável, estável e fiável. Ainda estarão ligadas à rede, mas se algo acontecer, devido a uma intempérie ou outro contratempo, a vila não será afetada. Este é um dos projetos que estamos a desenvolver aqui: construir um sistema integrado que abasteça um conjunto de edifícios com uma fonte de energia mais fiável e com um preço mais baixo, ainda que ligados à rede. Abastecer a vila de Martim Longo será algo que poderemos fazer, por exem-

plo, daqui a seis meses», afirma confiante. Na opinião de Marc, o sector da energia está a atravessar um momento «de grandes mudanças e ao nível de consumidores estamos a começar a senti-lo», uma vez que os preços estão cada vez mais altos. Por outro lado, a forma como a energia está a ser produzida está «a mudar muito rapidamente. Há 10 ou 15 anos surgiu a energia eólica e há cinco anos a energia solar começou a crescer, enquanto nova fonte de energia alternativa».

Há 10 anos, os sistemas eram ainda novidade e caros, porque não eram produzidos em grandes quantidades e não eram divulgados de forma suficiente, mas isso mudou ao longo dos últimos anos. «Os preços caíram de uma forma brutal, especialmente nos módulos fotovoltaicos, entre 80% a 85%». Ainda assim, a nível mundial, os sistemas solares apenas produzem 3% a 4% do total da energia necessária.

Ao nível da energia solar,

Portugal possui 250 MW de capacidade solar instalada, o que é muito pouco, quando comparando com países como a Alemanha, que possui mais de sete mil MW. «A Alemanha fez um grande esforço e investimento no sentido de se tornar verde. Muita da nossa tecnologia é oriunda deste país. E a razão é porque o governo alemão, entre 1995 e 1998, providenciou vários incentivos no sentido de criar condições para um novo mercado. Espanha fez o mesmo e tem algumas das maiores empresas solares no mundo», aponta Marc.

Em suma, o importante é evidenciar as inúmeras vantagens que foram, e podem ser, criadas para a região. Como afirma Marc, «atraem-se novas tecnologias, investigação, desenvolvimento e investimento. Existe um crescimento económico direto na região, proporcionando também mais postos de trabalho e um movimento mais acelerado na criação de energia limpa no Algarve».